

A leitura do lugar nas aulas de geografia do 6º ano como possibilidade para compreensão da realidade**Reading the place in the 6th year geography classes as a possibility for understanding reality**

DOI:10.34117/bjdv6n11-074

Recebimento dos originais: 05/10/2020

Aceitação para publicação: 05/11/2020

David Raniére Bastos Magalhães

Mestrando em Educação

PPGE/UESC

Especialista em educação Geo-Ambiental

UNIME- FTC

Graduado em Licenciatura em Geografia

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Brasil

E-mail: ranieredavid@gmail.com

Geisa Fideles dos Santos

Mestranda em Educação

PPGE/UESC

Especialista em Ensino de Geografia e Graduada em Licenciatura em Geografia

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Brasil.

E-mail: geisafideles@hotmail.com

Jeanes Martins Larchert

doutorado em Educação

Universidade Federal de São Carlos (2013)

Atualmente é professora adjunto do mestrado da Universidade Estadual Santa Cruz- PPGE. Tem experiência na área de Educação

E-mail: jelarchert@yahoo.com.br

RESUMO

O lugar é um dos conceitos básicos da Geografia e assume papel imprescindível, visto que através da análise do mesmo é possível entender como as sociedades se apropriam e interagem no espaço vivido. Assim, o presente artigo discute acerca da leitura do lugar como possibilidade para a compreensão da realidade. Isto por acreditar que um trabalho nessa perspectiva proporcionará ao aluno maior entendimento dos fenômenos que ocorrem nas escalas local, regional, nacional e global, além de contribuir para o desenvolvimento de reflexões que promovam a criticidade e maior autonomia na construção do saber geográfico. Para tanto, buscou-se analisar se o conceito de lugar está sendo trabalhado pelos professores que ministram aulas de Geografia no 6º ano e identificar como eles trabalham esse conceito. Além disso, analisar o entendimento dos mesmos acerca do conceito de lugar, bem como averiguar a percepção deles acerca do lugar enquanto espaço de vivência. A metodologia proposta baseou-se em pesquisa bibliográfica, desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros, artigos científicos, PCN de Geografia, entrevista com professores e questionário aplicado aos alunos. Com base na análise dos dados, constatou-se que os professores negligenciam o conceito de lugar, visto que o trabalham de forma superficial e desarticulado das demais escalas, dificultando assim, o entendimento do aluno quanto a esse conceito.

Palavras-chave: Lugar, Ensino de Geografia, Prática pedagógica.

ABSTRACT

The place is one of the basic concepts of Geography and assumes an essential role, since through its analysis it is possible to understand how societies appropriate and interact in the lived space. Thus, this article discusses reading the place as a possibility for understanding reality. This is because he believes that a work in this perspective will provide the student with a better understanding of the phenomena that occur at local, regional, national and global scales, in addition to contributing to the development of reflections that promote criticality and greater autonomy in the construction of geographic knowledge. To this end, we sought to analyze whether the concept of place is being worked on by teachers who teach Geography classes in the 6th year and to identify how they work with this concept. In addition, to analyze their understanding of the concept of place, as well as to investigate their perception of the place as a living space. The proposed methodology was based on bibliographic research, developed based on material already prepared, consisting mainly of books, scientific articles, PCN of Geography, interview with teachers and questionnaire applied to students. Based on the data analysis, it was found that teachers neglect the concept of place, since they work in a superficial and disjointed way from other scales, thus making it difficult for the student to understand this concept.

Keywords: Place, Geography teaching, Pedagogical practice.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho traz resultado parcial da pesquisa realizada no Mestrado PPGE – UESC, logo, busca explicar como os alunos das séries finais do ensino fundamental compreendem a discussão sobre uma categoria de análise da Geografia - “Lugar”, essa categoria refere-se ao espaço vivido, onde se estabelecem as relações cotidianas, esclarecendo como se relacionam as vivências dos alunos, as experiências cotidianas no seu lugar e a produção de conhecimento em Geografia.

A Geografia busca explicar o mundo e propiciar aos alunos uma visão ampla do mesmo, visto que estuda os processos, os fenômenos e as contradições que ocorrem a partir das relações entre sociedade e natureza, tornando-se cada vez mais plural. O lugar – um dos conceitos básicos da Geografia – assume papel imprescindível, uma vez que através da análise do mesmo é possível entender como as sociedades se apropriam e interagem no espaço vivido. Além disso, permite compreender as transformações que ocorrem no mundo, bem como as articulações do local com o global e vice-versa.

Dessa forma, acredita-se que a partir da leitura do lugar seja possível compreender a realidade, pois, é nessa porção do espaço que a vida se materializa em todas as suas dimensões. Assim, o estudo do lugar requer um olhar sobre o cotidiano, uma vez que este é indissociável das práticas diárias, portanto, não deve ser analisado como se fosse separado do vivido. Além disso, requer um olhar sobre as conexões que o lugar faz com o mundo, uma vez que não está isolado, visto que a análise do mesmo permite a compreensão dos fatos que ocorrem nas diversas escalas geográficas.

Com isso, entende-se que trabalhar o conceito de lugar nas aulas de Geografia possibilitará aos alunos não somente entender o seu espaço vivido com todas as suas multiplicidades, mas, ultrapassar a escala local e compreender a dinâmica dos fenômenos que ocorrem numa escala global. Desse modo, o ensino de Geografia terá significado para o aluno, uma vez que entenderá que a sua vida e seu cotidiano estão integrados nessa dinâmica.

Para tanto, objetivou-se analisar se o conceito de lugar está sendo trabalhado pelos professores de Geografia nas aulas do 6º ano e identificar como eles trabalham esse conceito. Além disso, analisar o entendimento dos mesmos acerca do conceito de lugar, bem como averiguar a percepção deles acerca do lugar enquanto espaço de vivência. Buscou-se também, identificar as possíveis dificuldades dos alunos em fazer a leitura do lugar em que vivem na sua interface com o mundo.

A fim de alcançarmos os objetivos propostos realizamos entrevista com professores que ministram aulas de Geografia no 6º ano e aplicamos questionário com os alunos do referido ano. Utilizamos o método dialético, numa pesquisa exploratória, bibliográfica e de caráter qualitativa, uma vez que pretende analisar os resultados obtidos e servir de apoio para o ensino e aprendizagem em Geografia.

Com este trabalho, esperamos contribuir para uma mudança de olhar acerca do conceito de lugar, a fim de que este deixe de ser trabalhado como se fosse um conteúdo, de forma superficial e desarticulado das demais escalas, mas, como categoria de análise, a fim de possibilitar um maior entendimento das questões mundiais e suas implicações no âmbito local. Com isso, proporcionar aos alunos diferentes formas de vivenciar e compreender o mundo, criando condições para uma inserção emancipada do saber.

2 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA

A Educação desempenha um papel preponderante na formação social e intelectual dos educandos. Desse modo, refletir sobre a forma como a Geografia esta sendo trabalhada em sala de aula e como os professores estão planejando e transmitindo os conteúdos é o ponto de partida para fazermos uma reflexão a respeito do Ensino de Geografia pautada na seguinte pergunta: O que ensinar em Geografia? E como ensiná-la?

A resposta é bastante clara: no ensino de Geografia, devemos “Ensinar Geografia”. Essa resposta nos remete a uma profunda reflexão quanto à evolução da ciência geográfica no que se refere à abordagem teórico-metodológica e sobre o conteúdo e o método de ensino dessa ciência que não pode dissociar a teoria da prática.

Mesmo parecendo ser óbvia tal resposta, a trajetória de ensino dessa ciência ao longo dos tempos nos espaços escolares mostram uma desconexão frente ao seu papel e a sua prática. Para

Filizola e Kozel (2009), o ensino da geografia se mantinha preso à natureza para tentar explicar a sociedade e não se desprendia das descrições, mostrando-se assim incapaz de propor soluções para enfrentar os problemas que a realidade lhe colocava, sendo considerada assim uma geografia tradicional, desconectada com o social e pautada apenas nas descrições do espaço geográfico, onde descrever os aspectos físicos e entendê-los era o principal objetivo desta ciência.

Entretanto, com o passar dos tempos surgiram diversas tentativas com o intuito de romper com essa concepção tradicional, possibilitando a Geografia ser entendida como uma ciência social, que estuda o espaço construído pelo homem, a partir das relações que estes mantêm entre si e com a natureza.

Essa nova concepção denominada Geografia Crítica, possibilitou uma nova reflexão sobre os problemas da sociedade dando ênfase a formação do cidadão, cujo objetivo é fazer com que o mesmo reconheça o mundo em que vive, que se compreenda como indivíduo social capaz de construir a sua história, a sua sociedade, o seu espaço, e que consiga ter os mecanismos e os instrumentos para tanto.

Mediante tal realidade e ao mesmo tempo buscando compreender as atuais mudanças que o mundo vem passando, se faz necessário buscar entender também a escola e o ensino que nela se constrói com o intuito de romper com a mesmice ensinada nas unidades escolares nos dias atuais que ainda carrega evidências metodológicas do processo inicial de construção da ciência geográfica, onde o ensinar tinha um caráter descritivo-informativo, e a memorização dos conceitos era o principal objetivo a ser alcançado neste processo de ensino e aprendizagem, o que provocou marcas que são claramente perceptíveis no trabalho docente atualmente.

Portanto, desenvolver uma prática que seja aberta à possibilidade de questionar o que se faz, de incorporar de fato os interesses dos alunos, e de ser capaz de produzir a capacidade de pensar, agindo com criatividade e com autoria de seu pensamento, faz com que o ensino da Geografia torne-se dinâmico e prazeroso para o educando, possibilitando assim uma melhor compreensão da realidade que o cerca.

Ao pensar o ensino da geografia, devemos fazer uma reflexão e crítica à instituição escola, por esta se encontrar situada num contexto social, político e econômico acaba contribuindo com a fragmentação do ensino desta ciência, bem como com a fragilização do ensino da geografia frente ao seu objeto do estudo. Nesta contextualização se integra a questão do objeto da ciência, da dinâmica apresentada pela disciplina na escola, e da questão pedagógica que envolve necessariamente a problemática do objeto, da ciência e do método.

Não é mais aceitável estabelecer planos de ensino de cima para baixo, verticalizados e desconectados com a realidade dos educandos, devemos elaborar planos de ensino mais criativos, dinâmicos que respeitem e resgatem as realidades dos educandos, a fim de estabelecer e compreender

o mundo e o contexto social em que este indivíduo encontra-se inserido. Entretanto, nos deparamos com condições cada vez mais adversas de ensino no Brasil, tanto no que diz respeito à formação acadêmica, quanto no âmbito escolar, fruto de uma herança do paradigma tradicional/tecnicista que até hoje ainda é percebida na prática docente como aborda Behrens (2011, p. 44):

O fator relevante a destacar é o de que o paradigma tradicional não foi ultrapassado em muitas instituições escolares e nas últimas décadas o discurso preferido pelos educadores desafia a buscar novas metodologias que venham atender as expectativas dos alunos, mas a realidade parece intransponível quando o professor fecha a sua porta e começa a dar aulas.

A Escola que temos hoje com sua estrutura pedagógica montada não contempla e atende aos anseios em que a sociedade moderna necessita, de acordo com Behrens (2011), essas escolas parecem ser espaços isolados, redomas de vidro impenetrável que blinda os envolvidos, professores e alunos inviabilizando absorver os novos paradigmas e compreenderem a dinâmica em que eles estão inseridos com o mundo que os cerca, ensinando e desenvolvendo ações que não respeitam, resgatam e refletem as realidades seus contextos sociais em que estes estão inseridos.

Portanto, é necessário transpor esta redoma, romper este paradigma tradicional, possibilitando e valorizando os saberes e as realidades vividas por esses estudantes a fim de tornar o ensino e a aprendizagem mais significativa para o educando. Pois o mesmo chega à escola com seus conflitos, suas leituras de mundo, suas percepções frente aos desafios em que enfrenta e cabe à escola desafiá-lo, fazê-lo perceber a importância e o papel que ele desempenha no meio em que vive.

Mediante tal realidade, a escola deve construir seu currículo, sendo este um currículo integrador, com uma filosofia bem definida que busque refletir: O que se pretende formar? Para qual finalidade? E a partir daí cada disciplina terá seu direcionamento a fim de saber o que se pretende desenvolver dentro da escola, entendendo que atualmente o que a sociedade exige da escola, é uma educação que desenvolva o raciocínio lógico, a criticidade, a instrumentalização para usar coerentemente o conhecimento, a capacidade de pensar e especialmente de poder construir o pensamento com autonomia. Assim, no processo de reformulação escolar se faz necessário pensar o que estudar e o que desenvolver em cada série no conteúdo de geografia.

Todas estas questões devem atender a um único aspecto - a qualidade do ensino, entretanto estamos cristalizados em nossas ações, mergulhados em planos de ensinos engessados, com técnicas que não mais encantam e só proporcionam aos educandos a memorização, a repetitividade como se fossem fórmulas em que os envolvidos deveriam apenas memorizar sem conexão e relação com o seu conhecimento vivido, criando assim indivíduos robôs.

A Educação tem como compromisso proporcionar aos educandos uma maior compreensão do mundo e mediante a essa questão, a possibilidade de transformá-lo num ambiente mais justo, igualitário e autônomo. Nesse sentido, Nogueira e Carneiro (2013, p.11) salienta que:

Ler o mundo, indagar-se sobre ele, questioná-lo, explicá-lo, implica entender a Educação Geográfica como um processo capaz de contribuir para codificação e descodificação do mundo pelo sujeito-aluno e, portanto, para a construção da sua consciência da espacialidade das coisas enquanto consciência da possibilidade de intervenção no mundo.

Pensar o ensino de Geografia demanda uma grande reflexão, considerando o caráter significativo que este componente curricular vem assumindo ou deveria assumir na Educação Básica, sobretudo nos anos iniciais do ensino fundamental, pois a presença de conteúdos e objetivos da Geografia na escola contribui para entender qual o verdadeiro papel de se ensinar e aprender Geografia, uma vez que como os demais componentes curriculares a Geografia permite a construção da cidadania para vivermos em sociedade através da leitura do mundo e da vida que se dá através da leitura do espaço, como propõe Callai (2005):

Uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens. Desse modo, ler o mundo vai muito além da leitura cartográfica, cujas representações refletem as realidades territoriais, por vezes distorcidas por conta das projeções cartográficas adotadas. Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou pelo mapa, embora ele seja muito importante. É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos). (CALLAI, 2005, p.228).

É importante compreender que a leitura do mundo ultrapassa a representação cartográfica (embora seja de grande relevância), mas esta deve ser feita considerando o espaço vivido, construído cotidianamente a partir do sentimento de pertencimento ao lugar, de uma identidade cultural, mostrando também que essa leitura inerente ao espaço é resultado de uma interação social, cultural, política e econômica, expressa diariamente.

3 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO CONCEITO DE LUGAR NAS AULAS DE GEOGRAFIA

O lugar é considerado um conceito essencial para a Geografia, pois permite o entendimento da produção do espaço geográfico na atualidade. No entanto, nem sempre esse conceito foi considerado por essa ciência nessa perspectiva, visto que sua abordagem estava atrelada à localização e descrição. Isso se evidencia fortemente na Geografia Tradicional, pois na sua concepção não considerava as contradições estabelecidas pelo modo de produção capitalista, nem a relação do lugar como um espaço de vivência dos indivíduos e os diversos significados que ele contém. De acordo com Holzer, (1999, p.67) “Na geografia clássica, do início do século, quando o estudo e a confecção de mapas

eram um dos fundamentos da disciplina, o lugar em seu sentido locacional era utilizado para definir a geografia”.

Por esta mesma razão, Costa e Rocha (2010, p. 51) pontuam que “o conceito de lugar, dentro da Geografia Tradicional, foi definido de acordo com as características naturais e culturais próprias de uma determinada área. Estava ligado à noção de localização e à individualidade das parcelas do espaço”.

Com isso, fica claro que na abordagem tradicional da Geografia, o lugar estava atrelado apenas às questões da natureza, pois o homem não era inserido nas discussões. Esse entendimento, por sua vez, não estava vinculado apenas à proposta determinista, mas também à possibilista, já que segundo Moraes (2005, p. 24) para Vidal de La Blache “a Geografia é uma ciência dos lugares, não dos homens”.

No entanto, devido às mudanças no âmbito da sociedade, a Geografia Tradicional, pautada no positivismo, não explicava a complexidade das relações sociais, pois se restringia apenas à observação e descrição.

Segundo Brasil (1998, p. 21),

Os métodos e as teorias da Geografia Tradicional tornaram-se insuficientes para apreender a complexidade do espaço. A simples descrição tornou-se insuficiente como método. Era preciso realizar estudos voltados para análise das ideologias políticas, econômicas e sociais.

Ao lado disso, para Carlos (2007, p.31),

Hoje percebemos que cada vez mais nos distanciamos da ideia do lugar visto apenas enquanto ponto de localização dos fenômenos, isto é um ponto no mapa, visto apenas enquanto situação determinada por coordenadas do traçado geográfico. [...] o lugar enquanto noção geográfica transforma-se e ganha hoje novos enfoques pois o lugar ganhou conteúdo diverso. Assim, concomitante ao desenvolvimento da ciência geográfica a noção de lugar evolui e se transforma por uma necessidade imposta pelas transformações do mundo. Da Geografia como “ciência dos lugares” de Vidal de La Blache à ideia de não-lugar há um longo percurso. Há todo um percurso.

Diante disso, o lugar passa a ser concebido numa outra dimensão, pois mediante as inquietações sociais, ocorre uma renovação do pensamento geográfico intensamente influenciado pela Geografia Crítica. Assim, para Costa e Rocha (2010, p. 52) “a concepção de lugar, dentro da geografia crítica, passou a valorizar mais as questões políticas e econômicas. É analisado como campo de embate, arena de combate entre as classes sociais”.

Nesse sentido, o estudo geográfico dentro da visão crítica, aponta para a perspectiva de pensar as contradições impostas pelo capitalismo e as desigualdades socioespaciais causadas por esse sistema. Com isso, o lugar assume papel importante para a análise desse processo contraditório, pois, é nos lugares que os fenômenos globais se revelam com todas as suas implicações nos campos

socioeconômico e espacial. Assim, na visão crítica o lugar não é concebido de forma isolada, já que existe uma correlação entre as diversas escalas: local, regional, nacional e global.

Com a Geografia Crítica são inseridos no ensino dessa ciência, assuntos de cunho político importantes para a condução do aluno a uma compreensão crítica acerca do processo de produção do espaço, bem como das diversas formas de organização das sociedades e como estas estruturam seus modos de produção. Nessa concepção, para que o aluno entenda a estrutura social e as coisas que ocorrem no seu cotidiano, é preciso que o professor considere o modo de produção como uma categoria de análise.

Entretanto, conforme Brasil (1998, p. 23),

[...] restringir para o aluno a explicação de que o seu cotidiano, no convívio social, está circunscrito somente pelas determinações econômicas compreendidas pelo modo de produção seria simplificar essa explicação. Será que a “categoria modo de produção” é capaz de dar conta dessa explicação das experiências vividas com seu espaço e com as representações simbólicas que são construídas pelo imaginário social?.

Nesse entendimento, se por um lado, a visão crítica possibilita a compreensão sobre as formas de organização da sociedade em torno do sistema produtivo, por outro, não há uma preocupação em explicar a relação sociedade/ natureza levando em conta a subjetividade e a afetividade.

4 METODOLOGIA

No processo da construção do conhecimento, fazer pesquisa é de grande relevância para que a aprendizagem aconteça, bem como para o desenvolvimento dos indivíduos e organizações. É notável a implicância de seus resultados no curso destes, dos grupos e até mesmo da sociedade. Entretanto, o conhecimento científico não pode ser visto como algo pronto e acabado, como afirma Demo (2005) ao entender que o mesmo não pode ser visto como porto seguro, lugar de chegada e permanência, mas sim como um turbilhão sempre em chamas.

Nesse sentido, na busca de obter resultados socialmente mais relevantes, no desenvolvimento deste estudo será utilizada uma abordagem qualitativa de estudo de caso, tendo em vista que será analisado o entendimento dos alunos acerca do conceito de lugar, bem como identificar as possíveis dificuldades destes em fazer a leitura do lugar em que vivem na sua interface com o mundo.

Esta pesquisa insere-se em uma abordagem qualitativa tendo como organização metodológica o estudo de caso de uma escola da rede estadual de Itabuna - BA.

Para Martins (2008), o estudo de caso é um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado. O estudo de caso possibilita a penetração em uma realidade social, não conseguida plenamente por um levantamento amostral e avaliação exclusivamente qualitativa.

De acordo com Laville e Dionne (1999, p. 43), as pesquisas qualitativas são mais apropriadas para investigar os fenômenos humanos, para que “tentemos conhecer as motivações, as representações, consideremos os valores, [...], deixemos falar o real a seu modo e o escutemos”.

Para Teixeira (2006, p. 137):

Na pesquisa qualitativa o pesquisador procura reduzir a distância entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação, usando a lógica da análise fenomenológica, isto é, da compreensão dos fenômenos pela sua descrição e interpretação. As experiências pessoais do pesquisador são elementos importantes na análise e compreensão dos fenômenos estudados.

Assim, uma característica importante das pesquisas qualitativas é que são exploratórias, ou seja, incentivam os sujeitos a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. Elas fazem emergir aspectos subjetivos dos sujeitos e atingem motivações não explícitas ou, mesmo, conscientes, de maneira espontânea.

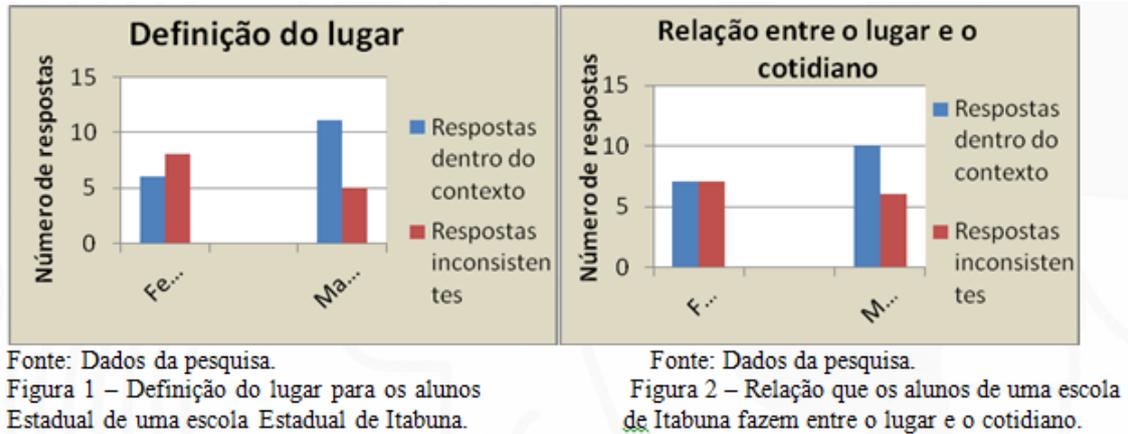
Para tanto, os colaboradores desta pesquisa são alunos do 6º ano vespertino, compreendendo 15 alunos de cada turma, com faixa etária entre 11 e 12 anos, logo, 30 questionários. Em seguida foi realizada a coleta de dados a partir da aplicação de um questionário semiestruturado aos alunos do 6º ano, com a finalidade de identificar o entendimento quanto à definição de lugar, a relação entre o lugar e o cotidiano, as transformações dos lugares simples e complexos, a relação entre o local e o global e as possíveis dificuldades dos mesmos em fazer a leitura do lugar a partir de seu cotidiano.

A organização e a análise dos dados obedeceram à análise de conteúdos respeitando os conceitos geográficos apresentados pelos referenciais estudados.

Desta forma, a pesquisa foi elaborada a partir de múltiplas fontes incluindo a aplicação de um questionário semiestruturado, ao mesmo tempo em que é sustentada por um referencial teórico, que orienta as proposições de estudo, reunindo uma gama de informações obtidas através de diversas técnicas de levantamento de dados e evidências.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da análise dos resultados constatou-se que nas questões objetivas, que trata da definição do conceito de lugar e de como ele se relaciona com o cotidiano (Figuras 1 e 2), uma parcela significativa de alunos assinalou a resposta dentro do contexto, ou seja, que se aproxima do lugar como uma parcela indissociável do cotidiano, onde as pessoas estabelecem relações e constroem sua história, pois como afirma Carlos (2007, p. 20), “O lugar é o mundo do vivido, é onde, se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo onde em que é produzida a existência social dos seres humanos”.



No entanto, quanto às respostas subjetivas a maioria dos alunos apresentou dificuldades para definir o conceito de lugar. Além disso, não o associaram ao seu cotidiano, nem às relações que o seu lugar estabelece com outros lugares. Também, não inferiram a questão da identidade, da afetividade e nem consideraram as contradições existentes no lugar. Alguns o apreenderam apenas como o belo, ao afirmarem: “Sim, que um lugar é bonito dependendo do lugar é lindo”. Outro afirmou: “Lugar é uma paisagem onde podemos ou não ter contato. Exemplo uma montanha”.

Foi analisado, também, o entendimento que os alunos possuem acerca das transformações dos lugares e percebeu-se que a maioria dos alunos respondeu fora do contexto, associaram as transformações do lugar apenas às construções. Responderam por exemplo, que “Sim falta de pavimentação”, “Com o aumento de cômodos da casa”.

Com a análise das questões objetivas (Figura 3), que trataram da relação local/global, constatou-se que o número de respostas inconsistentes foi elevado, pois a maioria dos alunos não estabeleceu nenhuma conexão entre essas escalas.



Fonte: Dados da pesquisa.
 Figura 3 – Relação que os alunos de uma escola Estadual de Itabuna fazem entre o local e o global.

Essas respostas inconsistentes levam a crer que a relação local/global não tem sido considerada nas aulas de Geografia, já que os alunos não demonstraram intimidade com as escalas geográficas: local, regional, nacional e global. Isso também foi demonstrado nas respostas às questões subjetivas, visto que todos os alunos tiveram dificuldades de perceber a articulação entre essas escalas, enfatizando suas respostas à casa de familiares, vizinhos, ou apenas dizendo que não. Responderam, por exemplo, que: “Sim, a casa da minha tia e avó”. “sim, com os vizinhos ir à escola, mercados etc”. “Não”.

Contudo, essa relação não deve ser negligenciada, pois os conteúdos do mundo estão presentes nos lugares e estes não anulam as particularidades dos mesmos, mas ao contrário, ajudam a entender as interrelações das diferentes escalas, bem como a cotidianidade.

Nesse sentido, para Santos (2006, p. 213), “cada lugar é, à sua maneira, o mundo. [...]. Mas, também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo torna-se exponencialmente diferente dos demais” Isso porque por mais que o global interfira no local, as particularidades permanecem.

Assim, o ensino de Geografia precisa estar alicerçado em um fazer pedagógico que contemple e valorize o conceito de lugar, pois a ausência desse entendimento torna as discussões geográficas superficiais e sem significado.

6 CONCLUSÕES

O conceito de lugar é importante para a compreensão dos fenômenos, pois é nessa porção do espaço que a globalização se revela com todas as suas contradições. Isto porque, o lugar não está desconectado do global, mas, estabelece uma conexão com as demais escalas.

A partir das respostas aos questionamentos feitos aos alunos, foi constatada a fragilidade dos mesmos quanto ao entendimento desse conceito, pois apresentaram uma definição de lugar apenas como espaço do vivido, restringindo-se à ideia de afetividade, pertencimento, identidade, não ultrapassando essa perspectiva, pois não percebem a conexão do seu lugar de vivência com o mundo, inviabilizando dessa forma, a compreensão das contradições impostas pela globalização.

Nessa perspectiva, notamos que o significado que os alunos atribuíram ao lugar se aproxima um pouco apenas da concepção da Geografia Humanística, já que esta considera a subjetividade para o entendimento desse conceito.

Entretanto, a concepção da Geografia Crítica é fundamental para a análise desse processo, pois possibilita ao aluno compreender as relações espaciais nas diferentes escalas, bem como o desenvolvimento de posturas capazes de resistir e contrapor aos problemas advindos do modo de produção capitalista.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS- GEOGRAFIA**. Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. Secretaria de Educação, Ministério da Educação e do Desporto, Brasília. 1998,156p.
- BEHRENS. Marilda Aparecida. **O Paradigma Emergente e a Prática Pedagógica**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o Mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. Cad. Cedes. Campinas, vol. 25. n. 66. p. 227-247. maio/ago. 2005.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 2007.
- COSTA, Fábio Rodrigues da; ROCHA, Márcio Mendes. **Geografia: conceitos e paradigmas – apontamentos preliminares**. Rev. GEOMAE. Campo Mourão, PR, v. 1 n. 2, 2010.
- Demo, Pedro. (2005). **Metodologia da Investigação em Educação**. Curitiba: IBPEX. Engel, Guido Irineu. (2000) Pesquisa-ação. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n16/n16a13.pdf>. Educar, Curitiba, n. 16, p. 181-191. Editora da UFPR.
- HOLZER, Werther. **O lugar na Geografia Humanista**. Rio de Janeiro: Rev. Território. Ano IV, nº 7, 1999.
- FILIZOLA. Roberto; KOZEL. Salette. **Teoria e Prática do Ensino da Geografia: Memórias da Terra**. 1 ed. São Paulo: FTD, 2009.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Tradução de Heloísa Monteiro e Francisco Settinieri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999. 340 p.
- MARTINS, G. A. **Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisas no Brasil**. Revista de Contabilidade e Organizações, v. 2, n. 2, Jan./Abr., 2008, p. 9-18.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia pequena história crítica**. 20^a Ed. São Paulo: Anablume, 2005.
- NOGUEIRA, Valdir; CARNEIRO, S. M. M. **Educação Geográfica e Formação da Consciência Espacial-Cidadã**. Curitiba, PR: Editora UFPR, 2013.
- SANTOS, **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 4 ed. 2006.

TEIXEIRA, E. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. 2^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. 203 p.